

prensa — diretores, compositores, impressores, distribuidores e, ainda, livreiros e encadernadores — ia a mais de 200; a mais de 200 contos o capital empregado.

Apareceram ainda, em 1830, no Rio de Janeiro, *O Tribuno do Povo* e *O Pirilampo Popular*, o primeiro de Francisco das Chagas de Oliveira França, que começou a circular a 18 de dezembro, mantendo-se até 6 de março de 1832 e com destacado papel no Sete de Abril. Surgiu em 1830 o jornal de Borges da Fonseca, o *Repúblico*. Este, *O Tribuno do Povo* e outros refletiam o pensamento da esquerda liberal; os jornais de Evaristo da Veiga e Bernardo Pereira de Vasconcelos, além de outros, refletiam o pensamento da direita liberal; aqueles que dependiam do trono, o da direita conservadora. Ao aproximar-se o ano de 1831, forjava-se a unidade dos liberais, esquerda e direita somavam esforços; o isolamento de D. Pedro era irremediável, a direita entrava em colapso na área conservadora, perdendo forças na opinião, no legislativo, na imprensa. Os acontecimentos começaram a precipitar-se com o assassinio de Libero Badaró. Seguiram o seu curso tumultuoso com a viagem de D. Pedro a Minas e com a *noite das garrafas*, culminando no Sete de Abril. O roteiro desse agravamento ficou nitidamente refletido na imprensa. Paula Sousa poderia dizer, na Câmara, depois, que se travara, então, “uma luta constante entre a opinião nacional e o poder”, este encarnado no monarca, aquela no parlamento e nos jornais.

Até 1830, era clara a distinção entre a direita e a esquerda liberal e, conseqüentemente, entre as folhas que refletiam uma e outra dessas tendências, comuns apenas na crítica à direita conservadora e ao próprio imperador. A *Aurora Fluminense* e a *Astréia* eram “severas na crítica mas buscando guardar regras de decência e polidez”. Mas a *Nova Luz Brasileira*, o *Repúblico* e o *Tribuno do Povo* atacavam com virulência, “mal encobrendo planos de agitação popular e subversão da ordem pública”<sup>(77)</sup>. “As campanhas dos jornais de João Clemente Vieira Souto e de Evaristo — assinala um historiador — ficavam num plano de pregação das doutrinas liberais e de censura a erros e desmandos do governo, sem nenhum intuito revolucionário, e só afinariam por esse diapasão na fase paroxística dos acontecimentos, depois da viagem do imperador a Minas Gerais”<sup>(78)</sup>. É curioso verificar como João Batista de Queiroz, desde logo, colocava em seu jornal problemas de conteúdo social, denunciando as mazelas da escravidão, defendendo a igualdade de direitos para os homens de cor, atacando a

(77) Otávio Tarquínio de Sousa: op. cit., pág. 883, II.

(78) Otávio Tarquínio de Sousa: op. cit., pág. 883, II.